

A Potência do Simulacro e a Heteronímia de Fernando Pessoa

LÉLIA PARREIRA DUARTE

O problema da heteronímia em Fernando Pessoa é um desafio constante à imaginação e à argúcia dos críticos. Não são, entretanto, todos os estudiosos que consideram esse o aspecto primordial da obra do poeta de Mensagem. Casais Monteiro, por exemplo, em seu estudo da poesia pessoana, procura focalizar os textos em si, à base de seu valor intrínseco, independentemente de uma relação com o autor-heterônimo¹.

Jacinto do Prado Coelho pensa, pelo contrário, que embora alguns julguem tenha sido o problema dos heterônimos de Fernando Pessoa por demais focalizado pela crítica, é certo que só o estudo da heteronímia permite “penetrar no sentido subjacente de toda a sua obra — uma conquanto diversa”². Por isso mesmo o crítico estuda a Diversidade e unidade em Fernando Pessoa, demonstrando que cada um dos heterônimos traz uma resposta especial à inquietação existencial do Poeta³.

Antônio Quadros diz que é através dos heterônimos que Fernando Pessoa melhor realiza seu ímpeto de “destruir para criar”, julgando que a heteronímia é a forma usada pelo Poeta para dissolver o dogma da personalidade⁴.

Dentro da mesma linha, Óscar Lopes explica a gênese dos heterônimos pelas contradições existentes dentro de uma personalidade única, vivendo em um determinado contexto de determinada época

— e que seriam muito mais numerosas que os heterônimos criados por Fernando Pessoa, razão pela qual nenhum deles é sempre coerente consigo próprio⁵.

A posição de João Gaspar Simões com relação aos heterônimos é de que eles possibilitaram ao Poeta ser verdadeiramente ele mesmo, deixando de lado a necessidade de fingir. Isso se aplicaria especialmente a Álvaro de Campos pois, a esse heterônimo, Fernando Pessoa confiou o melhor de sua originalidade, permitindo-se a libertação de toda “a contrafacção natural”⁶.

A heteronímia seria a forma encontrada por Fernando Pessoa para permitir a simultaneidade de pensamentos contraditórios, diz Otto Maria Carpeaux⁷.

E Benedito Nunes explica os vários eus de Fernando Pessoa pela cisão do Eu em entidades provisórias, nenhuma das quais é real, sendo essa cisão o sinal de outra que se produziu entre consciência e mundo. Segundo o crítico, a heteronímia demonstra que a subjetividade do Poeta perdeu-se na evanescência do Eu, “fragmentado, dividido, proliferando em muitos outros centros ilusórios, nascidos na consciência e nela desaparecendo”⁸.

José Augusto Seabra entrevê no “drama em gente” mais exatamente um “drama em poetas”⁹, e Eduardo Lourenço vê na heteronímia a interminável busca do Pai, cujo encontro restituiria o Poeta à unidade mítica, exatamente pela solução do problema da unidade destruída¹⁰.

Parece-nos que, de todas essas perspectivas com relação à heteronímia de Fernando Pessoa, uma que está latente em várias delas pode ser desenvolvida: a de que o processo heteronímico se constrói por um mecanismo semelhante ao do pensar filosófico do século XX, que proclama a potência do simulacro, em detrimento da cópia, do semelhante, do que procura sempre aproximar-se do modelo, da ‘idéia’ platônica.

O pensamento contemporâneo é o reflexo de um mundo em crise. Crise em todos os sentidos, que contribuem para fazer do homem um ser inquieto, preocupado com o futuro, angustiado ante a própria imagem.

O homem sente a angústia do seu desespero, o qual já não é senão vazio, vazio que indica uma liberdade para a morte. Ele se sente como vida inautêntica, consciência infeliz e culpada. A lucidez é a sua única arma, mas arma destruidora: o homem se vê demasiado bem para conseguir amar a si mesmo.

Esta é a época do que Deleuze chama “reversão do platonismo”: o mesmo e o semelhante — o modelo e a cópia — não têm mais por essência senão serem simulados, isto é, exprimir o funcionamento do simulacro¹¹. E o simulacro é exatamente o que é construído sobre uma disparidade, sobre uma diferença, sobre uma dissimilitude. Reverter o platonismo significa valorizar os simulacros, afirmar seus direitos entre os ícones e as cópias.

Os heterônimos de Fernando Pessoa parecem resultar do fato de sentir-se o Poeta um simulacro. Sua criação poética é feita através da divergência das séries, do descentramento das contradições: é a re-presentação externa do caos interior em que o Poeta está mergulhado. Há um afastamento da tradição escrita, uma procura de nova sintaxe para ordenar a realidade. O Poeta assume o seu não-lugar, sentindo-se expulso da comunidade, como o poeta d’A república de Platão. Confessa-se, assim, um puro às avessas, pois a sua pureza não é a das cópias perfeitas, mas a dos simulacros, os excluídos do sistema que não se deixam envolver pela repousante lógica da lei imposta como verdade. A sua verdade é aquela que é tida pela comunidade como loucura, é a do não-senso que se opõe ao senso comum.

Os heterônimos podem ser vistos também como zombaria que o Poeta faz de sua própria imagem e a sua diversificação é como se fosse a sua recusa de ser tido como entidade totêmica. Tomando consciência de si mesmo, ele se demite de uma ilusão — deixa de ser uma cópia tentando assemelhar-se ao modelo e perde a crença no absoluto.

Dai o relacionamento de sua poesia com o irracionalismo filosófico: o Poeta pensa, com Kirkegaard, que é preciso salvar o eu de qualquer maneira; com Jaspers, que o homem é um ser para o naufrágio; com Heidegger, que o homem é um ser para a morte;

com Sartre, que o homem é um ser inútil. Como esses pensadores, Fernando Pessoa reflete em sua obra a consciência da finitude e reconhece o homem como um ser mortal.

Antes do século XX, de modo geral, o homem pensava que sua vida o levaria a alguma coisa. Tratava-se de uma viagem que chegaria a um porto. Agora o homem pensa que sua viagem está fadada ao naufrágio. A consciência da contingência e das limitações levam-no a concluir que também o seu discurso é relativo e limitado: nenhum discurso é verdadeiro, como diz Derrida, porque só existe verdade relativa, dentro de determinado contexto¹².

Revelando a adoção dessa filosofia, diz Fernando Pessoa: “Não há critério de verdade senão não concordar consigo próprio”¹³. E o poeta demonstra isso através da heteronímia: faz falar Eus autônomos cuja primeira característica é serem outros Eus, realizações poéticas daquilo que ele percebe filosoficamente: “Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros)”.

“Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, por uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço”¹⁴.

Através dos heterônimos Fernando Pessoa se descentra em vários poetas-simulacros, como se aceitasse o desafio do conflito desintegrador que outros rejeitaram, sem coragem ou aptidão suficientes para sustentar o debate íntimo sem enlouquecer.

A heteronímia pode ser compreendida então como uma atitude de diálogo do Poeta em relação a si mesmo e ao mundo, numa tentativa de dar forma a possíveis modos de existência — simulados —, através dos quais se opera uma diferente transação entre o subjetivo e o objetivo, a sensibilidade e o pensamento.

A existência da unidade na diversidade heteronímica, demonstrada por Jacinto do Prado Coelho, não contradiz a explicação da heteronímia pela potência do simulacro. Como observa Deleuze, a simulação não é separável do eterno retorno, pois é aí “que se decidem a reversão dos ícones ou a subversão do mundo representa-

tivo”¹⁵. A unidade Fernando Pessoa / heterônimos, ao invés de representar a verdade do eterno retorno, denuncia a sobrevivência mítica do platonismo numa ideologia que não o suporta mais e que perdeu o seu segredo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASAIS MONTEIRO, Adolfo. Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro, Agir, 1958.
2. PRADO COELHO, Jacinto. “Fernando Pessoa”. In: Dicionário das Literaturas Portuguesa, brasileira e galega. Porto, Figueirinhas, 1960. p. 608.
3. ————. Diversidade e unidade em Fernando Pessoa 3. ed., Lisboa, Verbo, 1969.
4. QUADROS, António. Fernando Pessoa. 2. ed., Lisboa, Arcádia, s/d., p. 161.
5. LOPES, Óscar. “Fernando Pessoa — um momento de consciência”. In: Ler e depois. 2. ed., Porto, Inova, 1969. p. 236-242.
6. SIMÕES, João Gaspar. Uma interpretação do “fingimento” de Fernando Pessoa”. In: Literatura, literatura, literatura... Lisboa, Portugália, 1964. p. 237-242.
7. CARPEAUX, Otto Maria. “Os heterônimos de Fernando Pessoa”. In: Presença. Rio de Janeiro, I.N.L., 1958. pp. 146-9. Presença. Rio de Janeiro, I.N.L., 1958. p. 146-9.
8. NUNES, Benedito. “Os outros de Fernando Pessoa”. In: O dorso do tigre. São Paulo, Perspectiva, 1969. p. 213-234.
9. SEABRA, José Augusto. Fernando Pessoa ou o poetodrama. São Paulo, Perspectiva, 1974.
10. LOURENÇO, Eduardo. Fernando Pessoa revisitado. Porto, Inova, 1973.
11. DELEUZE, G. “Platão e o simulacro”. In: Lógica do Sentido. São Paulo, Perspectiva, 1974. p. 259-271.
12. DERRIDA, Jacques. La Pharmacie de Platon. In: DERRIDA et alii. Tel quel. Hiver, Paris, 32, 1968.
13. PESSOA, Fernando. “Reflexões paradoxais”. In: Obras em prosa. Rio de Janeiro, Aguillar, 1974, p. 37.
14. ————. Idem, p. 81.
15. DELEUZE, G. Ob. cit., p. 269.

Novembro de 1978